

Agência da ONU diz que descarga de água de Fukushima não é nociva

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) confirmou esta que as primeiras descargas de água radioactiva tratada da central nuclear de Fukushima, Japão, estão em linha com as previsões e sem impacto radiológico na população.

“Conseguimos confirmar que as primeiras descargas de água não continham rádionuclídeos em níveis nocivos”, disse o Director-geral da AIEA, Rafael Grossi, durante uma visita a Estocolmo. “As primeiras descargas estão em linha com as nossas expectativas, mas continuaremos a monitorizar a situação”, garantiu Grossi.

Em 24 de Agosto, a AIEA tinha informado que a concentração da substância radioactiva trítio estava “muito abaixo do limite aceitável de 1.500 becquerels (Bq) por litro”, um nível bem abaixo do padrão

nacional japonês para a água.

A descarga de água da central nuclear de Fukushima, que sofreu um acidente em Março de 2011, com três dos seus seis reactores a derreterem e a contaminarem as terras nas imediações do complexo após um sismo e um tsunami, tem suscitado receios nos pescadores japoneses, mas também uma forte oposição por parte da China, que suspendeu as importações de produtos de origem aquática provenientes do Japão.

Durante a visita à capital sueca, o director-geral da AIEA, agência que integra o sistema da ONU, também se pronunciou sobre a cooperação com o Irão e as tentativas para recuperar o acordo internacional sobre o controverso programa nuclear de Teerão - após o abandono unilateral dos Estados Unidos em 2018, afirmando que

o ritmo de reinstalação de câmaras de observação nas instalações nucleares iranianas ainda é demasiado lento.

“Estamos a tentar reinstalar essas câmaras, o trabalho começou, mas não está a avançar no ritmo que esperávamos”, admitiu Grossi.

No regresso de uma visita a Teerão, em Março, Grossi tinha elogiado a promessa do Irão de reiniciar estes dispositivos de vigilância, que tinham sido desligados em Junho de 2022, num contexto de deterioração das relações com as potências ocidentais.

“Estamos a aguardar esclarecimentos do Irão sobre os vestígios de urânio que foram encontrados. Este é um processo contínuo que pode ser melhorado”, disse Grossi, referindo-se aos progressos nas negociações com Teerão.

Alemanha corta impostos após economia ter estagnado

O Governo alemão decidiu diminuir os impostos, depois de a maior economia da zona euro ter estagnado no segundo trimestre deste ano.

O Chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, acredita que esta medida vai impulsionar o crescimento da economia do país.

“Discutiremos como conseguir um grande impulso”, disse Olaf Scholz. “A economia alemã pode fazer mais”, acrescentou.

A economia alemã estagnou no segundo trimestre, não mostrando sinais de recuperação de uma recessão de Inverno.

Acordos dificultados pela coligação

Uma tentativa anterior de aprovar a “Lei de Oportunidades de Crescimento” no início deste mês falhou, no que foi visto como um sinal de que a coligação governamental de dois partidos de esquerda e um partido economicamente liberal era demasiado difícil de governar.

De acordo com o projecto ao qual a agência Reuters teve acesso, no seu primeiro ano o pacote de estímulo causará um défice de receitas fiscais de 2,6 mil milhões de euros para o Governo federal, 2,5 mil milhões de euros para os estados e 1,9 mil milhões de euros para os municípios.

A lei foi defendida pelo Ministro das Finanças, Christian Lindner, mas depois frustrada quando a Ministra da Família dos Verdes, Lisa Pauss, exigiu 12 mil milhões de euros para pensão alimentícia.

Um acordo foi alcançado quando as duas partes concordaram em reduzir o planeado Seguro Básico para Crianças para pouco mais de dois mil milhões de euros.

Lindner rejeitou os apelos para que o Governo gastasse para ajudar a economia a crescer novamente, dizendo que os gastos alimentariam a inflação e que os cortes de impostos corporativos teriam um impacto maior. A insatisfação pública com o desempenho da coligação está a aumentar. Uma sondagem da Forsa revelou que 61% dos inquiridos estavam tão incomodados com as disputas da coligação que já não prestavam atenção à política.

A pesquisa também revelou que 63% consideram Scholz um líder fraco, acima dos 51% em Abril.

Apoios e subsídios

Um documento do Governo visto pela Reuters mostrou que os subsídios deverão quase duplicar, para 67,1 mil milhões de euros, no próximo ano, em comparação com 2021. Quase dois terços desses subsídios destinam-se a ajudar a financiar a transição verde para uma economia de baixo carbono. A nova lei dá incentivos às empresas para fazerem investimentos amigos do clima, fornece incentivos fiscais para a investigação e permite que as empresas compensem mais perdas com lucros de outros exercícios financeiros.

Descoberto parasita em cérebro humano na Austrália

Cientistas australianos revelaram a descoberta, pela primeira vez, de um parasita no cérebro de um ser humano. O verme, de oito centímetros de comprimento, foi descoberto o ano passado no cérebro de uma mulher de 64 anos.

A mulher queixava-se de dores abdominais, esquecimento e depressão, tendo sido operada na cidade australiana de Cambera.

“Este é o primeiro caso humano de *Ophidascaris* descrito em qualquer lugar do mundo”, disse o especialista em doenças infecciosas Sanjaya Senanayake.

O verme, cuja “estrutura semelhante a um fio” apareceu em exames cerebrais, foi posteriormente identificado através de testes de ADN.

“Até onde sabemos, este é também o primeiro caso a envolver o cérebro de uma espécie de mamífero, humano ou não”, disse ele.

Os investigadores acreditam que a australiana pode ter ficado infectada após colher frutos de um arbusto, que estaria possivelmente contaminado com larvas em excrementos de cobra.

Segundo notícia a agência Reuters, os médicos descobriram uma “lesão atípica”,



Foto: AAP Image/Supplied by Emerging

graças a um exame de ressonância magnética, na parte frontal do cérebro, que sofria de perda de memória.

A mulher, que havia sido tratada a uma pneumonia, mas não se recuperou totalmente, foi internada no hospital em Janeiro de 2021, após três semanas de dores abdominais e diarreia, que progrediram para tosse seca e suores nocturnos, segundo re-

sultados publicados na revista *Emerging Infectious Diseases*.

A paciente foi readmitida no hospital três semanas depois, tendo em conta que o seu estado não teve qualquer melhoria, e foi submetida a vários tratamentos até que exames cerebrais revelaram uma lesão, tendo sido realizada uma biópsia aberta em Junho de 2022.

Refugiados do Sudão ultrapassam agora um milhão

O número de refugiados do Sudão, resultantes do conflito armado que dura há quatro meses no país, ultrapassa agora um milhão, anunciou a Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra.

As Nações Unidas estimam que um milhão de sudaneses tenham tentado obter refúgio nos países vizinhos, onde faltam infra-estruturas e apoios para tantas pessoas com tantas necessidades.

Segundo um comunicado do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), naquele número incluem-se mais de 240.000 pessoas do vizinho Sudão do Sul que regressa-

ram ao seu país para escapar à violência desencadeada a partir de 15 de Abril entre o exército regular e o grupo paramilitar Forças de Apoio Rápido (RSF, na sigla em inglês).

“Os refugiados e repatriados do Sudão do Sul estão a chegar às zonas fronteiriças em condições cada vez mais desesperadas”, alerta a agência da ONU, referindo que estas áreas estão a ter cada vez mais problemas na prestação de apoio aos deslocados, tornando a resposta humanitária cada vez mais difícil.

Sem que se vislumbre o fim do conflito no Sudão, o ACNUR está a coordenar

com as agências de ajuda a revisão do Plano Regional de Resposta aos Refugiados. A agência da ONU para os refugiados diz que apesar destas dificuldades, há outras zonas do Sudão do Sul onde a situação é muito mais grave e a ajuda internacional não chega.

Estima-se que nos últimos quatro meses mais de 200 mil sudaneses tenham cruzado esta fronteira.

Chegam a um país a reerguer-se de sete anos de guerra, onde há uma carência absoluta de infra-estruturas básicas e dois milhões de deslocados internos que ainda não conseguiram regressar a casa.